



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

YASMIN LUCCHESI

BI

**UM OLHAR SOBRE OS ENTRAVES ENFRENTADOS PELA
COMUNIDADE BISSEXUAL NA CONTEMPORANEIDADE**

**Niterói
2018**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L934b Lucchesi, Yasmin Andrade Fernandes Ventura
BI:Um olhar sobre os entraves enfrentados pela comunidade
bissexual na contemporaneidade / Yasmin Andrade Fernandes
Ventura Lucchesi ; Mayka Castellano, orientadora. Niterói,
2018.
45 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2018.

1. Minorias Sexuais. 2. Documentário (cinema). 3.
Feminismo. 4. Twitter (Site de relacionamentos). 5. Produção
intelectual. I. Castellano, Mayka, orientadora. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD -

Bibliotecária responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164

YASMIN LUCCHESI

BI

**UM OLHAR SOBRE OS ENTRAVES ENFRENTADOS PELA
COMUNIDADE BISSEXUAL NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em 17 de
Dezembro de 2018, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Produção Cultural
pela Universidade Federal Fluminense.

Orientadora Acadêmica
Profa. Dra. Mayka Castellano
Co-orientadora
Profa. Ms.^a Melina Meimaridis

**Niterói
2018**



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: YASMIN ANDRADE FERNANDES VENTURA LUCCHESI	Matrícula: 214.033.084
Título do Trabalho: "DOCUMENTÁRIO BI - UM OLHAR SOBRE OS ESTERÉOTIPOS QUE PERMANSAM A BISSEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE"	
Orientador(a): MAYKA CASTELLANO	
Categoria: PROJETUAL	Data de Apresentação: 17/12/2018

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Drª Mayka Castellano
2º Membro: Drª Marina Bay Frydberg
3º Membro: Bel. Gabriel Ferreirinho

AVALIAÇÃO:
Análise / Comentário <i>A banca destaca a importância e originalidade do tema, a sensibilidade no tratamento das questões e ressalta a qualidade das reflexões associada ao material audiovisual apresentado, em fase de finalização. E, por fim, incentiva a continuidade de da pesquisa no âmbito da pós-graduação</i>
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): 10 (dez)
ASSINATURAS: <i>Mayka Castellano</i> <i>Marina Bay Frydberg</i> <i>Gabriel Ferreirinho</i> 1º Membro (Presidente) 2º Membro 3º Membro

Dedico este trabalho à todas as pessoas bissexuais que são incansavelmente invisibilizadas em suas jornadas. Existimos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Marcos e Kátia, que mesmo com personalidades tão distintas da minha sempre me apoiaram em todas as minhas empreitadas, abdicando de seus privilégios em detrimento do meu, mostrando que as vezes não é preciso compreender, apenas respeitar.

Agradeço também ao suporte afetivo dos encontros, infelizmente já não tão regulares, com meus irmãos Jaja, Tony e Anne, que até são de sangue mas também genuinamente do coração.

Agradeço imensamente à UFF, instituição que me mudou por completo nos últimos quatro anos e meio. Confesso que já nem sei quem fui, mas tenho certeza que essa é a melhor versão de mim e do que sempre quis ser.

E de tudo que foi vivido nessa jornada, agradeço principalmente aos encontros. Aos(as) queridos(as) professores(as) Hadija, Ana Enne, Marina, Luiz e João que me ensinaram muito mais do que eu poderia imaginar. E em especial à Melina e Mayka, por toda paciência, compreensão e troca dos últimos meses de orientação.

Por fim, agradeço todo carinho, incentivo e força das minhas amigas Beatriz Costa, Aline Operti, Ana Luisa Gomes, Luisa Xavier, Tainá Martins, Carol Lima, Beatriz Augusto, Clarissa Gilla, Isadora Santos, Dandara Santos, Victor Hugo, Lucas Pípolos e Matheus Valadão. Não sei o que seria de mim sem toda essa troca diária de amor, êta sorte ter vocês.

Manifesto bissexual

Nós estamos cansados de sermos analisados, definidos e representados por outras pessoas que não somos nós mesmos, ou ainda pior, não considerados de todo. Nós estamos frustrados com a imposição do isolamento e a invisibilidade vindas da expectativa de anunciar ou escolher uma identidade homossexual ou heterossexual. Monossexualidade é um ditame heterossexista usado para oprimir homossexuais e para negar a validade da bissexualidade.

Bissexualidade é um todo, identidade fluída. Não assuma que a bissexualidade é naturalmente binária ou poligâmica: que nós temos “dois” lados ou que nós precisamos estar envolvidos simultaneamente com dois gêneros para sermos seres humanos completos. De fato, não assuma que existem apenas dois gêneros. Não interprete nossa fluidez como confusão, irresponsabilidade, ou inabilidade de assumir compromisso. Não equipare promiscuidade, infidelidade, ou comportamento sexual inseguro com bissexualidade. Esses são comportamentos humanos que atravessam todas as orientações sexuais. Nada deve ser presumido sobre a sexualidade de ninguém, incluindo a sua.

(publicado originalmente em *Anything That Move*

¹ - 1990, tradução Ava Adore)

¹ Anything That Move foi uma revista literária, jornalística e de atualidade publicada nos Estados Unidos de 1990 a 2002. O título completo da revista “Qualquer coisa que se mova: além dos mitos da bissexualidade” foi propositalmente escolhido por sua natureza controversa, enquanto seu slogan indicava uma clara intenção de desafiar estereótipos de identidades e comportamentos bissexuais.

RESUMO

LUCCHESI, Yasmin. *BI: Um olhar sobre os entraves enfrentados pela comunidade bissexual na contemporaneidade*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018. (Monografia de Graduação).

Tendo em vista o indiscutível apagamento da comunidade bissexual na sociedade contemporânea, esse artigo busca abordar o tema da bissexualidade analisando como se dá a sua representação social e quais preconceitos e estereótipos enfrenta neste enquadramento. O intuito é de apresentar informações sobre a invisibilidade, os estereótipos, a representação no audiovisual e as diferenças enxergadas no recorte de gênero para melhor compreender e fortalecer o discurso em defesa dessa sexualidade que vê-se muito marginalizada tanto na sociedade heterossexual hegemônica quanto na própria comunidade LGBTQ+.

Palavras chave: Bissexualidade, Comunidade LGBTQ+, Representação, Esteriótipos, Gênero

ABSTRACT

LUCCHESI, Yasmin. *BI: A look at the obstacles faced by the bisexual community*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018. (Graduation Monography).

Given the undeniable erasure of the bisexual community in contemporary society, this article seeks to address the issue of bisexuality by analyzing how its social representation occurs and what prejudices and stereotypes it faces in this framework. The aim is to present information on invisibility, stereotypes, audiovisual representations and gender differences in order to better understand and strengthen the discourse in defense of this sexuality that is very marginalized among the heterosexual and even the LGBT community itself.

Keywords: Bisexuality, LGBT community, Representation, Stereotypes, Gender

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	14
Figura 2 -	21
Figura 3 -	21
Figura 4 -	24
Figura 5 -	25
Figura 6 -	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1- APAGAMENTO E BIFOBIA	13
2 - ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÃO	18
2.1 Indecisão e promiscuidade.....	18
2.2 Representação no Audiovisual	22
3 - RECORTE DE GÊNERO.....	24
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que possui mais de 20 milhões de adultos declarados LGBT², o que totaliza cerca de 10% da população nacional. Porém, ao passo que o número de pessoas confortáveis para se assumirem LGBT+ cresce, avança também o preconceito, levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017, aumento de 30% em relação a 2016³ (dado integral mais recente).

A percepção social sobre o tema precisa urgentemente ser repensada: em 2017 foram computados 1.720 crimes de ódio contra pessoa LGBT+⁴, o número real foi provavelmente muito maior, levando em consideração que muitas vezes as denúncias não ocorrem por descaso da polícia ou medo das vítimas.

Há de se considerar, portanto, a extrema importância de debater os entraves sofridos por essas pessoas no contexto político atual em que, se por um lado, as lutas do movimento LGBT+ estão em massiva expansão, por outro, uma onda conservadora é facilmente enxergada através da eleição de políticos preconceituosos como Jair Bolsonaro⁵, presidente que acaba de ser eleito no Brasil, e representa em seu discurso desumano o que pensa boa parte da população de nosso país que nele votou.

Neste artigo a escolha do objeto de análise é especificamente a parcela bissexual da comunidade LGBT+, com o intuito de apresentar e fortalecer o discurso em defesa dessa sexualidade que vê-se muito marginalizada tanto na sociedade heterossexual hegemônica quanto dentro da própria comunidade⁶.

2

<https://www.brasildefato.com.br/2017/06/19/cerca-de-10-da-populacao-brasileira-pessoas-lgbti-sao-sub-representadas-na-politica/>

3

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em>

⁴<http://dapp.fgv.br/dados-publicos-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-28-anos-de-combate-ao-preconceito/>

⁵ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html

6

<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/educacao/noticia/bisexuais-relatam-preconceito-dentro-do-meio-lgbt-somos-invisiveis.ghtml>

Atualmente entende-se por bissexualidade a atração sexual-afetiva por mais de um gênero/sexo, contrapondo-se às monossexualidades que englobam a heterossexualidade e homossexualidade. Embora sua nomenclatura possa soar binarista (e, de fato, morfologicamente é; o que não significa que sua vivência seja) o termo também é frequentemente usado como "guarda-chuva" para incluir outras não monossexualidades, já que, mesmo enfrentando problemas de visibilidade, ainda é o mais reconhecido dentro desse espectro tão desconsiderado.

Para se aprofundar em tal objeto é necessário ter em mente que estudos demográficos sobre orientação sexual possuem muitos problemas metodológicos por poderem considerar apenas a autodeclaração, visto que muitas das pessoas LGBTQ+ não revelam sua orientação (seja por vergonha, pressão social/religiosa ou medo do preconceito).

No caso específico dos bissexuais isso se agrava ainda mais já que, por ser uma comunidade invisibilizada, muitas pessoas sequer reconhecem o termo como legítimo, muito menos a ponto de declararem-se representadas por ele, além dos entraves causados pela complexidade da não-monossexualidade, que muitas vezes não é compreendida pela lógica hegemônica instituída.

Ainda assim, de acordo com estudo realizado pelo Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência da PUC-RS⁷, 11,8% dos jovens brasileiros entre 24 a 35 anos se declaram bissexuais (quando divididos por gênero a porcentagem feminina de 14,8% ultrapassa a masculina de 8,6%), o que demonstra um número considerável de pessoas autodeclaradas e conscientes de sua orientação sexual.

Apesar de se apoiar em literaturas já construídas, essa pesquisa também se serve do empirismo, tanto de quem vos escreve, enquanto mulher bissexual, quanto das pessoas e relatos com os quais tive contato na convivência em espaços LGBTQ+. Além disso, construo reflexões pautadas no documentário desenvolvido para abordar estereótipos que perpassam a bissexualidade (projeto apresentado posteriormente),

⁷ <http://estaticog1.globo.com/2015/10/30/Apresentacao-Pesquisa-Familia-EE-2015.pdf>

contando também com blogs e redes sociais (principalmente o *twitter*) em que militantes da causa se abrem e refletem sobre nossas questões.

Os atravessamentos do apagamento e dos estereótipos que incidem nas pessoas bissexuais precisam ser urgentemente debatidos, além de ser uma demanda de visibilidade no meio social e até LGBT+, é demanda também no meio acadêmico, tendo em vista que encontrei dificuldade para coletar material brasileiro com fontes consolidadas no processo dessa pesquisa, principalmente no que tange antropologia e cultura, dentro da psicologia os estudos eram mais numerosos.

Dito isso, o objetivo dessa pesquisa é informar, conscientizar e dialogar sobre as questões e problemáticas da vivência bissexual. Para isso, este estudo se divide em três partes. A primeira analisa de que forma a comunidade bissexual vem sendo invisibilizada e discriminada e quais seriam as possíveis motivações para isso. A segunda visa explicitar e analisar os estereótipos que perpassam a vivência de pessoas bissexuais e as consequências disso, tanto em suas vivências quanto na representação das mesmas no audiovisual. E a terceira busca entender como o recorte de gênero muda de maneira consistente a bifobia sofrida por esses indivíduos.

APAGAMENTO E BIFOBIA

Muitas das adversidades vivenciadas pela população bissexual estão diretamente ligadas ao apagamento de sua orientação. A preocupação de se encaixar como hetero ou homossexual, por exemplo, quando essas parecem as únicas opções disponíveis, geram um sentimento de inexistência e incompreensão. Como aponta Lewis (2012):

A bissexualidade é frequentemente concebida simplesmente como uma combinação de vários graus de heterossexualidade e homossexualidade. Isso não somente reforça o binário heterossexual/homossexual, como também reforça preconceitos e a visão da bissexualidade como nada mais de uma fase transitória antes de uma pessoa “se tornar” heterossexual ou homossexual, o/a

bissexual como uma pessoa homossexual não assumida, o/a bissexual como uma pessoas que não quer abrir mão dos privilégios da heterossexualidade. (Lewis 2012)

Além da falta de reconhecimento de possibilidades que não a monossexualidade no senso comum, no próprio estudo científico também nos deparamos com o reforço disso como, por exemplo, na Escala Kinsey⁸ da Figura 1. Essa delimitação é problemática porque invisibiliza a existência da bissexualidade enquanto orientação completa. As pessoas bissexuais podem sim preferir homens, ou mulheres, e isso se alterar ao longo de sua trajetória, mas tal fato não serve de medidor ou divisor para a orientação, é apenas uma questão comportamental individual.

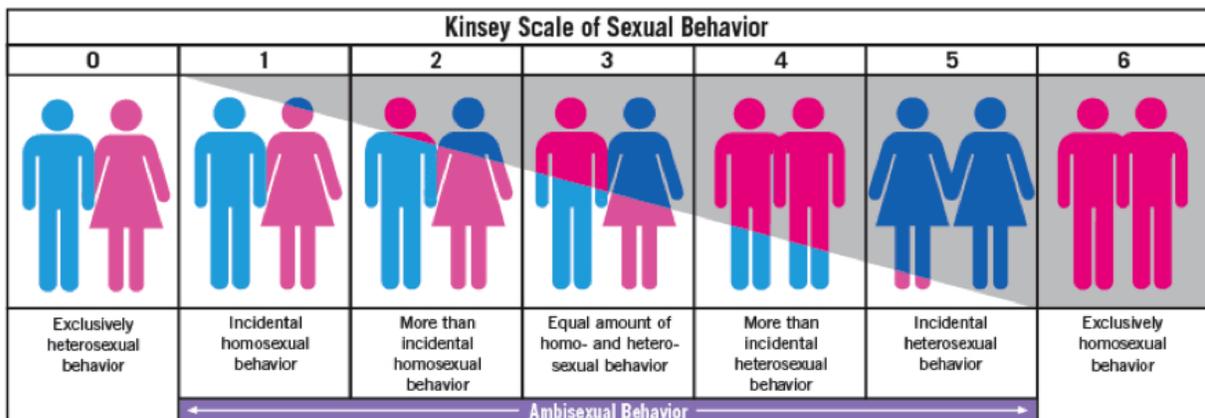


Figura 1

Caso contrário, assumiríamos que estamos sempre fragmentados e nossa sexualidade nunca inteira e, portanto, legítima. O que pode levar aos indivíduos que experienciam uma atração bissexual que se sintam confusos, frustrados e com falta de suporte social. Não existe porcentagem de bissexualidade porque uma orientação tem a ver com “ser” e não “estar”, somos inteiros e bissexuais o tempo todo.

⁸ Escala que tenta descrever o comportamento sexual de uma pessoa ao longo do tempo e em seus episódios num determinado momento, pautando assim os seus “níveis” de orientação sexual.

É um interesse pensar que tais afirmativas sejam uma tentativa, mesmo que inconsciente, de manutenção dos privilégios monossexuais, já que, muito embora os homossexuais obviamente não sejam tão privilegiados quanto os heterossexuais, na forma como é dividida a sexualidade em nossa sociedade atualmente eles ainda possuem privilégios em detrimento das pessoas que não se encaixam na monossexualidade de forma alguma. Segundo Yoshino:

O primeiro investimento que monossexuais têm no apagamento bissexual é um interesse em estabilizar as orientações sexuais. O componente desse interesse compartilhado por ambos héteros e gays é um interesse em saber o lugar de cada um na ordem social: ambos héteros e gays valorizam esse conhecimento porque ele os alivia da ansiedade do questionamento identitário. Héteros têm um interesse específico em garantir a estabilidade da heterossexualidade porque essa identidade é privilegiada. Menos intuitivamente, gays também têm um interesse específico em defender a estabilidade da homossexualidade, pois veem a estabilidade como a base para a “defesa da imutabilidade” ou para mobilização política efetiva. A bissexualidade ameaça todos esses interesses porque impede ambos héteros e gays de “provar” que eles são héteros ou gays. (Yoshino 2000, apud Góis 2017)

Essa percepção não é gratuita e é preciso entender sua origem. Por muito tempo a psicologia (que é a principal fonte de estudos sobre o tema), assim como também fez com a homossexualidade, tratou a bissexualidade como patologia. E em outros momentos simplesmente apagou a orientação tentando comprovar que ela não existe⁹. Mesmo que já tenha ocorrido uma evolução nesse sentido, essa memória se faz presente e o conteúdo produzido muitas vezes ainda reproduz afirmações com viés bifóbico.

O próprio termo bifobia tem interpretações tão complexas que muitas vezes não é aceito nem dentro da militância. Infelizmente o debate sobre o termo é tão

⁹ <https://www.nytimes.com/2005/07/05/health/straight-gay-or-lying-bisexuality-revisited.html>

embrionário que faz com que até mesmo pessoas bissexuais não entendam que elas sofreram um tipo de violência especificamente por serem bi. Usando como exemplo minha própria experiência, mesmo enquanto mulher bissexual que estuda sobre isso, só fui efetivamente entender porque ele é primordial no processo desta pesquisa.

Isso porque as pessoas, principalmente dentro dentro da comunidade LGBTQ+, onde o embate nesse sentido é mais abordado e intenso, consideram que as pessoas bissexuais não sofrem quando estão “performando” a heterossexualidade no meio social, usufruindo assim de um privilégio. Então elas apenas sofreriam homofobia quando estivessem se relacionando com pessoas com a mesma leitura de gênero. Porém, dizer, por exemplo, que uma mulher bissexual sofreu lesbofobia é enquadrá-la enquanto lésbica, ou seja, apaga-la enquanto bissexual. O problema dessa percepção é que a orientação sexual de alguém não pode ser medida baseada apenas em seus relacionamentos atuais, ou até mesmo passados, a sexualidade é um espectro que independe da maneira como você interage com o outro, é individual seu, da maneira como você se sente e se declara.

Além disso, as problemáticas de se declarar bissexual vão muito além do preconceito pautado na LGBTQfobia contra relacionamentos, como já vimos a comunidade bi é extremamente invisibilizada, e, como veremos a seguir, passa pela construção de estereótipos específicos que geram abusos dos mais variados. Sendo, portanto, impossível enquadrá-la na mesma divisão que homens gays e mulheres lésbicas.

Até mesmo na articulação dos discursos sobre sexualidade, é demandatório se atentar às expressões utilizadas e seu potencial de incluir pessoas bissexuais. Por exemplo, a insistência no uso de termos como “LGBT” no lugar de “gay”, “gays e lésbicas” ou “GLS”, já que pessoas bissexuais são constantemente deslegitimados através da linguagem e isso precisa ser modificado.

Um grande problema do apagamento da bifobia se dá quando pessoas bissexuais não encontram apoio nem na sociedade heteronormativa, nem na comunidade LGBTQ+, fazendo com que essas pessoas se sintam anormais e

frequentemente questionem a veracidade de seus desejos e afetos. Como se sentir pertencente a uma comunidade que também nos ataca?

A marginalização e a discriminação que a comunidade bissexual sofre na sociedade reflete também na saúde dos seus membros. Segundo pesquisa publicada em 2015, a saúde mental das mulheres bissexuais é significativamente pior que a das mulheres lésbicas¹⁰, no ano seguinte o mesmo periódico publicou um outro artigo que demonstra as mesmas conclusões para os homens¹¹. De acordo com pesquisa realizada pelo instituto Bisexual Resource Center¹², os bissexuais têm uma tendência a enfrentar maiores problemas de saúde. Comparadas a heterossexuais, lésbicas e gays, pessoas bissexuais têm maiores taxas de ansiedade, depressão e outros distúrbios de comportamento, assim como é maior a incidência do uso de tabaco. Além disso, o apagamento bissexual leva muitas pessoas a evitarem exames ou a mentir sobre o histórico sexual.

No que diz respeito a uma tentativa de melhorar o quadro de apagamento e bifobia, é importante destacar a criação de coletivos exclusivos para troca de experiências entre pessoas que se identificam como bissexuais. Esses espaços possibilitam um maior acesso a informações sobre bissexualidade, fomentam a discussão e estimulam nas pessoas bissexuais a compreensão e aceitação de si mesmas e dos outros.

No Brasil o exemplo mais consistente que temos é o coletivo Bi-sides, fundado em 2010 em São Paulo, que visa articular e criar redes de bissexuais local, nacional e internacionalmente: “Nascido da frustração de não se ver representado nas ações e discursos do movimento LGBT, buscamos trazer para o campo do debate, da política e da cultura a nossa presença como grupo significativo dentro da sociedade, elucidando nossas problemáticas e especificidades” (trecho da descrição na sua página do facebook)¹³.

¹⁰ <https://academic.oup.com/jpubhealth/article/37/3/427/2362743>

¹¹ <https://academic.oup.com/jpubhealth/article/39/2/266/3002950>

¹² <http://biresource.org/about/>

¹³ <https://www.facebook.com/bisides>

ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÃO

Muitos são os estereótipos que perpassam o imaginário social sobre a comunidade bissexual, eles giram em torno de indecisão, infidelidade, promiscuidade, entre outros comportamentos similares. A seguir entenderemos melhor de que maneira são construídos e como tais rótulos influenciam diretamente na maneira como pessoas bi são retratadas no audiovisual e, em via de causa e consequência, na vida real.

2.1 Indecisão e Promiscuidade

O senso comum monossexual assume a todo momento que bissexuais são indecisos. Muito embora a indecisão faça parte de um processo natural de escolhas de todo ser humano, definitivamente pessoas bissexuais não se autodeclaram assim por estarem confusas, elas só não possuem preferências e limitações na escolha de se relacionar com o outro no que tange a construção de gênero desse(a) parceiro(a).

Por limitarem a sexualidade a uma única via, a pessoa bi geralmente é homocentrada (preferência homo) ou heterocentrada (preferência hetero) com base na quantidade de pessoas de sexo/gênero específico que se relaciona com mais frequência, criando o que pode se chamar de preferência. É bem verdade que algumas pessoas podem possuir preferências, porém é imprescindível entender que isso não é uma característica inerente a bissexualidade e muito menos torna alguém menos bissexual. Neste sentido, alguém não precisa se sentir igualmente atraído pelos dois sexos para se identificar como bissexual, indivíduos podem identificar-se como tal e descreverem uma maior atração face a um gênero ou a outro.

Esses questionamentos surgem como forma de pensar contra o discurso hegemônico social em que se elegem protótipos de pessoas, classificando-as e atribuindo a elas características e significados representativos, com o intuito de estabelecer um padrão de imagem capaz de promover um consenso entre pessoas e grupos sociais, fortalecendo, assim, uma espécie de hegemonia dos papéis sexuais. (FIDALGO, M. D. 2013. p. 26)

A cantora Lady Gaga, por exemplo, é vista como mentirosa em vários fóruns¹⁴ com a temática “divas pop” por se declarar bissexual e nunca ter ido a público em um relacionamento com outra mulher. Com Cássia Eller aconteceu justamente o contrário, mesmo tendo se relacionado com Tavinho Fialho, pai de seu filho, por ter tido um longo relacionamento romântico com uma mulher, sempre foi lida como lésbica.

Partindo do pressuposto que as chamadas preferências podem existir ou não, para pessoas bissexuais ou não, o que acaba sendo percebido é que a suposta curiosidade dessa indagação ser feita somente a elas esconde na verdade um apagamento bissexual. O que efetivamente se está buscando saber é se a pessoa bi é na verdade lésbica, gay ou hétero, já que acreditar na possibilidade do não enquadramento monossexual parece impossível.

É importante ressaltar também que nem todas as pessoas entendem suas atrações e preferências, portanto também não sabem explicá-las, e isso precisa ser respeitado sempre. Primeiro porque o processo de autoconhecimento é constante e inesgotável, ainda mais se tratando de um espectro fluído como a sexualidade, segundo porque não faz a menor diferença na vida de alguém que não é aquele indivíduo (e talvez nem na dele).

Outra leitura estereotipada de pessoas bissexuais é a promiscuidade. Isso se deve a fatores monossexuais e binaristas, como bem analisa Alberto (2018) em sua pesquisa:

Um estereótipo comum é que os bissexuais são promíscuos devido a uma impossibilidade de se comprometerem com uma relação monógama a longo termo. Este estereótipo surge das concepções dualísticas da sexualidade Ocidental, onde a heterossexualidade e a homossexualidade são construídas como as duas formas básicas da sexualidade. Dentro desta visão, a bissexualidade pode ser conceptualizada como uma forma híbrida da sexualidade, na qual a heterossexualidade é misturada com a homossexualidade. Neste sentido, um indivíduo bissexual não é holisticamente bissexual, mas dualisticamente metade heterossexual, metade homossexual. heterossexualidade e homossexualidade são muitas vezes conceptualizados

¹⁴ <https://pandlr.com/forum/20-pan/forum/topic/gaga-pq-mentiu-dizendo-q-era-bissexual/?cache=1>

como formas opostas da sexualidade, acredita-se que bissexuais experienciam um conflito entre os seus “desejos heterossexuais” e os seus “desejos homossexuais”. (Alberto, 2018, p.18)

Em suma, o fato de nossa sexualidade não ser enquadrada como inteira abre caminho para diversas interpretações sem fundamentação sobre as práticas bissexuais. Como os mitos da promiscuidade, infidelidade e não monogamia.

Quando se constroem personagens bissexuais, seja na dramaturgia ou na mente de monossexuais, essas pessoas são abordadas com inúmeros casos de uma noite, incapazes de se estabelecerem num relacionamento sólido e saudável. Claro que existem pessoas que procuram relações casuais, ménage e orgias, e isso definitivamente não é um problema, mas englobar todos os bissexuais nessa caixa é desleal e desrespeitoso com a nossa sexualidade e, como podemos perceber nas figuras 2 e 3 a seguir, é uma atitude tomada de maneira constante.

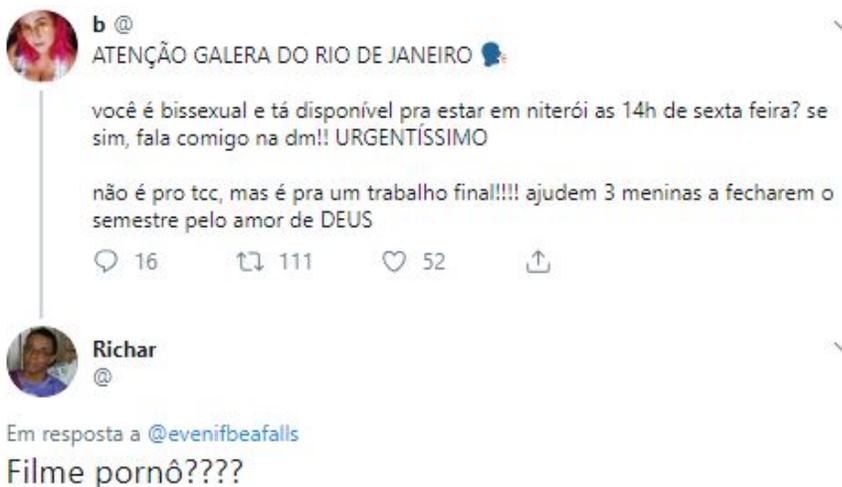


Figura 2



Figura 3

Além disso, existe também um discurso sexista de que mulheres bissexuais só se relacionam com outras mulheres por desejarem excitar homens héteros, como se a sexualidade feminina servisse apenas para satisfazer egos e fetiches masculinos. Reduzindo toda uma orientação ao prazer do homem, percepção provavelmente influenciada pela indústria pornográfica e sua objetificação constante dos corpos femininos.¹⁵

Outro estereótipo propagado é o de que pessoas bissexuais são incapazes de ser fiéis em suas relações romântico-amorosas. Partindo do pressuposto, assim, de que são incapazes de ser monogâmicas, o que definitivamente não é verdade, como apontam Garnets & Kimmel (2003):

Se por um lado, alguns homens e mulheres bissexuais precisam e desejam relacionamentos simultâneos com parceiros do sexo masculino e feminino, muitos heterossexuais (homens e mulheres), lésbicas e gays também desejam e têm relações não monógamas de uma maneira similar. Pode ser considerado um erro presumir que o desejo pela não monogamia entre homens e mulheres

15

<https://medium.com/@cwsmic/como-a-pornografia-desumaniza-as-mulheres-por-meio-da-objetifica%C3%A7%C3%A3o-sexual-7f9df478d329>

bissexuais resulta diretamente da sua bissexualidade (Garnets & Kimmel, 2003 apud Alberto 2018 p.17)

Existem inúmeros bissexuais em relações monogâmicas, estáveis e duradouras que não sentem falta de nada que não tenha no gênero o qual eles estão se relacionando, assim como existem héteros em relacionamentos poligâmicos ou abertos, isso não se relaciona de forma alguma com a orientação sexual das pessoas, mas sim com os tipos de relação que elas decidem viver.

2.2 Representação no Audiovisual

Segundo o relatório *The Where We Are on TV?*¹⁶, que é produzido pela Organização GLAAD e monitora as representações da comunidade LGBT+ na mídia, no período 2015-2016, dentre as 70 personagens LGBT+ presentes nas principais séries de televisão dos canais de TV aberta norte-americana 23 são lésbicas (33%); 33 são gays (47%); 12 mulheres são bissexuais (17%); e 2 são homens bissexuais (3%). Totalizando 20% de personagens bissexuais e 80% homossexuais. No relatório do ano seguinte 2016-2017 aconteceu um aumento de 20% para 30% de personagens bissexuais, mas ainda assim a representação negativa se manteve.

Além da representação ser escassa, o que reflete a sociedade que não dialoga sobre a existência dessas pessoas, muitas vezes ela não se dá desenvolve de maneira explícita. Se tratando de uma orientação sexual que não está consolidada perante a aceitabilidade social hegemônica, quando o espectador precisa perceber isso de maneira minuciosa e subjetiva, já não me parece muito útil o uso da bandeira. Além disso, quando essa representação não é feita de maneira clara, diversas vezes a interpretação pode ser de que a pessoa é hétero ou homo, dependendo de como isso é colocado na narrativa.

Ainda de acordo com o relatório, as personagens bissexuais são geralmente retratadas como não confiáveis, propensas à infidelidade, e/ou à falta de moralidade;

¹⁶ <https://www.glaad.org/whereweareontv16>

usam o sexo como meio de manipulação ou não possuem a capacidade de manter relacionamentos duradouros; possuem comportamento autodestrutivo; e a atração dessas personagens por mais de um gênero é abordada como temporária e raramente retomada na narrativa.

É possível encontrar exemplos gritantes de apagamento e até mesmo bifobia em duas séries extremamente populares como *OITNB* (2013) e *Glee* (2009). No primeiro caso a personagem Piper, casada com um homem antes de ser presa e que teve um relacionamento com Alex no passado (que é retomado no presente da trama) mesmo sendo exposta em relacionamentos com ambos os gêneros nunca é considerada bissexual. Pelo contrário, o marido em certo momento se refere a ela como lésbica e as outras detentas, incluindo Alex, como heterossexual. A palavra bissexual nem sequer entra em jogo, isso numa trama em que a sexualidade é um dos carros-chefe.

Quando falamos de *Glee* tudo se torna muito pior, mesmo a série sendo um grande sucesso televisivo¹⁷ e referência para jovens LGBTQ+, ironicamente a bifobia proveniente da narrativa se mostra extrema. A personagem de Brittany, que é revelada como bissexual por se envolver em relações com personagens homens e mulheres, frequentemente sofre *slut-shaming*¹⁸ na escola, reforçando o estereótipo de promiscuidade proveniente de uma conduta bissexual. Além disso, quando sua ex namorada Santana encontra um novo par romântico que é lésbico assim como ela, diz “estar tranquila porque não será trocada por um pênis”, reforçando a ideia da infidelidade que recai sobre pessoas bi. E quando outro personagem autodeclarado gay, Blaine, questiona ser bissexual, é rapidamente atacado verbalmente com a motivação de que isso nem existiria.

Existem também bons exemplos de representatividade e uso da plataforma para propagação de discurso informativo e conscientizador, como acontece em *Crazy*

17

<https://www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2015/01/09/glee-is-the-most-successful-charting-act-in-single-s-history/#5b6a2d80372d>

¹⁸ É uma forma de **estigma social** aplicada a pessoas, especialmente mulheres, que são percebidas por violar as expectativas tradicionais **machistas** de **comportamentos sexuais**. Alguns exemplos de casos em que as mulheres são "envergonhadas por ser vadias".

ex-girlfriend (2015). Depois de passar por um divórcio com sua então esposa, Darryl (chefe da protagonista) começa a namorar Josh e revela no escritório que é bi através número musical "Gettin' Bi"¹⁹ (mecanismo muito utilizado na série para compreendermos o que se passa no íntimo dos personagens).

Embora os números possuam uma linguagem satirizada e exagerada, a letra é extremamente consciente e problematizadora sobre a identidade bissexual, abordando temas como a indecisão e a promiscuidade. Além do fato de um personagem homem revelar em seu ambiente de trabalho sua bissexualidade ser fortemente representativo.



Figura 4

RECORTE DE GÊNERO

Em primeiro lugar, vamos considerar aqui o conceito de gênero como performance: “a performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (Butler, 2000), ou seja, o gênero como compreendemos faz parte de uma construção social não delimitada previamente e não necessariamente interligada ao sexo. Considerando que essa construção de normas estabelecidas influencia como enxergamos o gênero do outro, isso altera a maneira como lidamos com cada um.

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=5e7844P77Is>

Apesar de ser uma pesquisa pautada no espectro da orientação sexual-afetiva da bissexualidade, não podemos deixar de analisar um recorte de gênero na vivência dessas pessoas. Assim como na sociedade de maneira geral, o patriarcado se faz claramente presente nas diferenças entre ser uma mulher bi ou um homem bi, considerando que os atravessamentos causados se mostram em muitos casos distintos.

Geralmente o homem bissexual é atravessado por diversas estigmatizações, dentre elas a de “gay enrustido”, que não tem coragem de se assumir, e à mulher, sempre atravessada por questões de gênero, é taxada como promíscua, indecisa, fetichizada, além de primordialmente ser enxergada como mulher hétero.

Quando paramos para refletir, já que homens bissexuais são considerados gays e mulheres bissexuais são consideradas hétero, tudo incide para que gostemos de homens, o que, além de demonstrar novamente a invisibilização do indivíduo bi, ainda corresponde a uma lógica falocêntrica e misógina em que os homens são o centro e mulheres não são merecedoras de afeto.

Ao abordar a questão da mulher nessa perspectiva, vemos que ela está inserida em uma estrutura que visa regular o seu comportamento. Nas imagens a seguir podemos verificar dois exemplos que ilustram tal problema. Na figura 5 vemos uma postagem que objetifica a mulher bissexual e a insere na lógica do *ménage* de maneira instantânea, e na figura 6 temos o questionário para entrar no grupo Bi-sides (já citado), em que justamente esse comportamento é previamente confrontado, por ser tão recorrente.

Figura 5



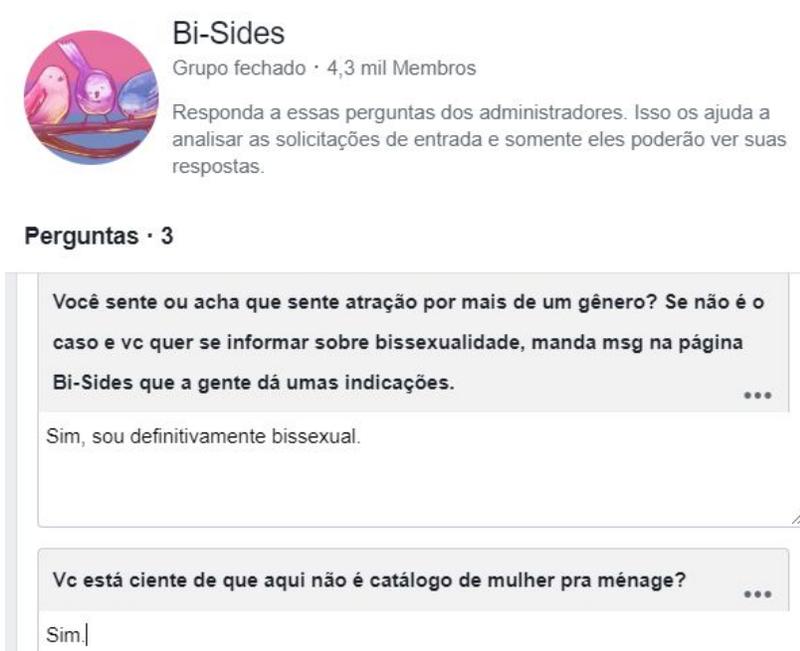


Figura 6

Esse tipo de situação ultrapassa o assédio virtual, de acordo com pesquisa realizada pelo Bi-sides 49,3% das mulheres bissexuais são vítimas de violência íntima severa de cônjuges; e mulheres bissexuais têm 61,1% de predominância no que tange estupro, violência física e perseguição por parceiros íntimos²⁰.

Em sua estudo “Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e Masculina”, que contou com quase 400 estudantes, Joana Alberto chegou a seguinte reflexão:

Os principais resultados da investigação apontam para que haja uma diferença de opiniões face à bissexualidade feminina e masculina. Neste sentido, a bissexualidade masculina é mais discriminada e considerada mais instável do que a bissexualidade feminina. No entanto a bissexualidade feminina é mais rejeitada enquanto identidade do que a bissexualidade masculina. (Alberto 2018)

20

https://www.vice.com/pt_br/article/4354xg/parem-de-achar-que-a-vida-dos-bissexuais-gira-em-torno-de-s-exo

Esse preconceito que produz estereótipos é uma estratégia de discurso para a manutenção de um poder hegemônico, masculino, hétero. Fixar o homem bissexual a um estereótipo de gay não assumido é rebaixá-lo na hierarquia de poder, enquanto para a mulher que apenas por ser mulher já se encontra inferiorizada nessa estrutura, é deslegitimar sua sexualidade e caráter por questões morais. Mais do que bifobia, tem a ver com misoginia, já que a cultura heterossexual masculina é homoafetiva²¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As correntes de pensamento que estão presentes na forma que a sociedade tem se organizado, prezam por uma “coesão social” que pauta a necessidade de sinalizar o outro e o que ele é em função do que ele faz, de uma forma que não positiva as diferenças e sim as denuncia, trazendo uma questão estrutural da hierarquia e da necessidade de se manter o status quo em benefício de uma parcela dominante.

O enfrentamento dos bissexuais com as estigmatizações que a sociedade heteronormativa produz e a invisibilidade dessa parcela pela sua própria comunidade LGBTQ+ nos faz parar para pensar em como o binarismo está presente em todas as representações sociais e de que forma podemos refletir para que isso não desvalorize aqueles que “sobrevivem na encruzilhada”.

Para que isso se altere, é essencial educar a si mesmo e aos outros, reconhecendo e dialogando sobre a bissexualidade e adequando informações à forma de linguagem utilizada pelos públicos, principalmente em processo de formação intelectual, como crianças e adolescentes. Dessa forma, pessoas bi tem a possibilidade de se sentirem cada vez mais legitimadas e confortáveis nas suas sexualidades perante o meio social.

21

<http://artenocaos.com/educacao-sexual/a-cultura-heterossexual-masculina-e-homoafetiva-segundo-a-filo-sofa-marilyn-frye/>

O movimento político bissexual precisa se organizar para produzir e facilitar o encontro de materiais científicos, culturais e conscientizadores sobre bissexualidade e como lidar com pessoas bissexuais que fujam de uma lógica monossexista e bifóbica, prezando por uma interdisciplinaridade de abordagens e possibilitando assim a visibilidade da bissexualidade numa ótica positiva, como tem lentamente ocorrido com a homossexualidade.

Esse tipo de iniciativa legitima a prática e identidade bissexual dentro no imaginário social, exterminando progressivamente entraves como o apagamento, a discriminação e o assédio que assolam a comunidade bi, e transformando e construindo fluidez na maneira como encaramos as sexualidades e as formas de se relacionar na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

Alberto, Joana. **Bissexualidade(s): crenças e opiniões**. 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Departamento de Psicologia, Universidade Évora, Évora , 2018.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discursive limits of "sex"**. Londres, Routledge, 1993.

CRUZ, Darllam. **4 fatos que você deveria saber sobre a bissexualidade**. Disponível em <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/4-fatos-que-voce-deveria-saber-sobre-a-bissexualidade/> Acesso em 29 de novembro de 2018.

FIDALGO, M. **A Identidade Queer no jornal O Lâmpião da Esquina**. Monografia. Curso de Comunicação Social, Universidade Católica de Brasília. Brasília, DF, 2013.

FRANÇA, Clarice. **A Letra B na Ficção: Problemas com a Representação Bissexual**. Disponível em: <https://ideiasemroxo.wordpress.com/2015/06/25/a-letra-b-na-ficcao-problemas-com-a-representacao-bissexual/> Acesso em 8 de dezembro de 2018.

GARNETS, Linda. KIMMEL, Douglas C. **Psychological Perspectives on Lesbian, Gay, and Bisexual Experiences**. 2003. 832 p. Columbia University Press, New York, 2003.

GÓIS, Paulo Cesar. **Bissexualidade, preconceito e objetivos de um ativismo bissexual**. Disponível em: <https://medium.com/@pcgois/bissexualidade-monossexismo-e-objetivos-de-um-ativismo-bissexual-f386b3e97352/> Acesso em 29 de novembro de 2018.

LEWIS, Elizabeth Sara. **“Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. 2012. 267 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, V, 2017, Salvador. **O ciclo paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade nos movimentos LGBT: Resistências em narrativas ativistas bissexuais**. Rio de Janeiro, 2017.12p.



Um curta-metragem de Yasmin Lucchesi.

Projeto do curta-metragem “BI”

Introdução

O curta-metragem BI é um documentário que aborda estereótipos que perpassam a comunidade bissexual. Realizado por jovens universitários, tanto em sua equipe quanto nas entrevistas, busca um olhar jovem sobre um assunto até então pouco abordado no audiovisual e na sociedade contemporânea de maneira geral.

Filmado na cidade de Niterói, no Museu Janete Costa de Arte Popular, que fica nas proximidades da universidade, entrevistou seis jovens bissexuais, divididos igualmente por gênero e pertencentes a diferentes lugares do estado do Rio de Janeiro.

Como mecanismo dramatúrgico para conseguir percepções críticas das entrevistadas, faz uso da leitura de *tweets*²² previamente mapeados sobre o tema (ofensivos ou irônicos, nesse caso elaborados por pessoas também bissexuais), tendo como proposta analisar a reação das pessoas bissexuais ao se depararem com o preconceito destilado contra elas em tempo real.

Sinopse

Bi é um documentário que visa dar visibilidade à bissexualidade. Pautado no humor crítico proveniente da rede social *Twitter*, promove discussões e desconstrução de estereótipos designados à comunidade bissexual pelo mundo todo - mesmo dentro da comunidade LGBT.

Justificativa

O curta-metragem BI surge com a proposta de abordar o tema da bissexualidade; o objeto de análise em sua interdiscursividade (prática), como se dá a sua representação social e quais preconceitos enfrenta neste enquadramento. A

²² Tweet é o nome dado as postagens feitas no site twitter.

escolha do objeto foi pensada e proposta com o intuito de apresentar e fortalecer o discurso em defesa dessa sexualidade que vê-se muito marginalizada tanto na sociedade heterossexual hegemônica quanto na própria comunidade LGBT+²³. A invisibilidade dessa parcela do coletivo evidencia a necessidade de uma discussão sobre o assunto, o que vem acontecendo de forma bastante contemporânea e efetiva através das redes virtuais e mídias sociais.

O diferencial do projeto se dá principalmente pelo foco na bissexualidade, tema pouquíssimo explorado, e pelo uso de *tweets* e das reações provocadas na leitura deles as pessoas entrevistadas. O interessante dessa abordagem é que, além de fugir da convencional linha de entrevistas documentais, proporciona a possibilidade do humor (também raro em documentários clássicos) enquanto crítica, que gera não só mais leveza ao tema, como também potencial conscientização através do apontamento da obviedade de certas questões ali inseridas.

A percepção social sobre o tema precisa urgentemente ser repensada: em 2017 foram computados 1.720 crimes de ódio contra pessoa LGBT+²⁴, o número real foi provavelmente muito maior, levando em consideração que muitas vezes as denúncias não ocorrem por descaso da polícia ou medo. Há de se considerar, portanto, a extrema importância desse tipo de narrativa no contexto político atual em que, se por um lado, as lutas do movimento LGBT+ estão em massiva expansão, por outro, uma onda conservadora é facilmente enxergada através da eleição de políticos preconceituosos como Jair Bolsonaro²⁵, presidente que acaba de ser eleito no Brasil, e representa em seu discurso desumano o que pensa boa parte da população de nosso país que nele votou.

Além disso, é imprescindível pontuar que a iniciativa do documentário BI é proveniente da militância de pessoas também LGBT+, já que a equipe é formada

²³

<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/educacao/noticia/bisexuais-relatam-preconceito-dentro-do-meio-lgbt-somos-invisiveis.ghtml>

²⁴<http://dapp.fgv.br/dados-publicos-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-28-anos-de-combate-ao-preconceito/>

²⁵ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html

majoritariamente por pessoas bissexuais, elucidando que os interesses são, para muito além do incontestável *pink money*²⁶, de representatividade e alcance de informações a sociedade brasileira.

Objetivos

Geral: Realizar um curta-documentário que visa debater e desconstruir os estereótipos direcionados a bissexualidade pela sociedade de maneira geral e até mesmo dentro da comunidade LGBTQ+.

Específicos:

- a) Já que são encontrados poucos estudos e conteúdo sobre bissexualidade, por intermédio do desenvolvimento de um produto audiovisual sobre o tema, gerar conhecimento sobre bissexualidade no Brasil e educar, oferecendo nos mais diversos suportes informação sobre o tema, colaborando com o reconhecimento da bissexualidade pelo senso comum e até mesmo dentro da comunidade LGBTQ+.
- b) Através das vivências e argumentação das(os) jovens bissexuais entrevistadas(os), nortear um caminho para desconstrução de estereótipos vinculados a pessoas bissexuais e estabelecer um mecanismo de conscientização coletiva sobre a comunidade bissexual e os entraves sofridos pela mesma dentro do meio social.
- c) Fomentar a produção audiovisual universitária: levando em consideração que toda equipe envolvida no filme será de estudantes do curso de produção cultural e cinema da Universidade Federal Fluminense, é possível perceber que o projeto contribui para o processo de aprendizagem prática desses estudantes durante sua idealização e filmagem.

²⁶ Termo utilizado para se referir ao poder de compra (que costuma ser alto) da comunidade LGBTQ+

Público Alvo

O documentário BI tem como target primário mulheres e homens bissexuais, das classes A, B e C, de 18 a 25 anos. Como target secundário, por tratar de questões pertinentes para a comunidade LGBTQ+ como um todo, abrange também esse público. Por possuir linguagem contemporânea embasada no uso da ferramenta twitter, alcança também jovens adultos de maneira geral, além de pessoas que se interessam por documentários e debates sobre comportamento e sexualidade.

Ações

(organizadas com data nos cronogramas anexados)

Desenvolvimento/Pré-produção

- Pesquisa sobre bissexualidade
- Curadoria material entrevistas (*tweets*)
- Desenvolvimento esqueleto narrativo e proposta direção (Roteiro)
- Definição de equipe
- Desenvolvimento orçamento e captação de recursos
- Mapeamento entrevistas
- Reuniões de produção
- Visitas locações
- Agendamento e autorização locação (Museu Janete Costa de Arte Popular)
- Agendamento entrevistas
- Preparação e impressão de documentos (*tweets*, direito de imagem e patrimônio)
- Empréstimo de equipamentos (Som e Vídeo)
- Transporte equipamentos e pessoas
- Teste de câmera/luz (pré-light)
- Compra de alimentos para o set ("mesa coffee break")
- Desenvolvimento ordem do dia

Produção

- Filmagem

Pós-produção

- Montagem
- Edição de imagem e som
- Correção de cor
- Cópia final

Considerações Finais

Considerando que o projeto até aqui descrito já foi desenvolvido, segue relato sobre o que foi observado após sua realização:

Após finalizar as filmagens pude perceber que, muito embora as entrevistadas fossem pessoas de gênero, raça e classe social distintas e, portanto, tivessem especificidades em seu discurso sobre sua vivência, em determinado ponto tudo era convergido universalmente pela bifobia e apagamento sofrido por elas, ainda que de maneira não idêntica. Todas as pessoas entrevistadas, sem exceção, alegaram ser invisibilizadas no meio social e até mesmo dentro da comunidade LGBT+.

A maior diferença notada em seus discursos foi pelo recorte de gênero. Na pesquisa para encontrar entrevistadas(os), já que a intenção era dividir o espaço de fala igualmente entre homens e mulheres, tivemos dificuldade de encontrar homens bissexuais dispostos a falar sobre isso, por outro lado, sobraram mulheres. O que definitivamente não precisa significar que existam mais mulheres bi do que homens, mas sim que a bifobia incide de maneiras distintas sobre estas construções de gênero.

Uma possibilidade é de que os entraves que os homens enfrentam, como a masculinidade tóxica perpassada pela heterossexualidade compulsória, prejudicam tais percepções de si mesmo e/ou geram desconforto para expô-las. Por outro lado, mulheres são incentivadas a se relacionar umas com as outras (física e sexualmente, não emocionalmente) desde cedo, mas isso não deve ser confundido de forma alguma com privilégio, já que essa suposta liberdade é proveniente de fetichização e

objetificação desses corpos e não de uma aceitação genuína do afeto entre mulheres. O patriarcado os prejudica de maneiras diferentes, mas a todos de alguma maneira.

Levando isso em consideração, a certeza que fica é de que ainda precisamos falar muito sobre bissexualidade para que finalmente esses indivíduos consigam validar sua orientação sexual-afetiva perante o outro e a si mesmos, pautando nossas análises sem esquecer também da interseccionalidade e garantindo que as vozes emitidas sejam de pessoas bissexuais, porque lugar de fala faz toda diferença na construção de um respaldo empírico dessas percepções.

ANEXO I - Roteiro (esqueleto narrativo)

ANEXO II - Cronogramas

ANEXO III - Orçamento

ANEXO IV - Ficha técnica

ANEXO I - Roteiro (Esqueleto narrativo)

A proposta narrativa do documentário é iniciar discussão com *tweets* populares e críticos que abordam a questão da bissexualidade, girando em torno dos seguintes eixos: promiscuidade; diferença entre mulher bi x homem bi, invisibilidade. A partir disso, além de captar a reação espontânea gerada pela leitura das postagens, pretende-se também estimular as entrevistadas a relatarem casos pessoais para melhor compreender a relação individual das mesmas com sua orientação sexual e o universo em que estão inseridas, complexificando e enriquecendo a análise.

A tabela a seguir mostra a divisão dos temas por “Blocos” e os *Tweets* e *Replies* utilizados para conduzir as entrevistas:

BLOCO 1 O estereótipo da promiscuidade
<i>Tweet 1:</i> Convocatória para participar do documentário
<i>Reply 1.1:</i> “Filme pornô????”
<i>Reply1.2:</i> “Eu fui lendo pensando “será que é convocação prum ménage”
<i>Tweet 2:</i> “Ah sabe como é né bissexual tem o dobro de chances de te trair Bissexual é vetor de dst né cara Beijar boca por onde passou piroca? Kkkkk”
Proposta narrativa: Introdução implícita da temática do documentário, debates sobre fetichização, principalmente feminina, sugestões para ménage e a construção da imagem do bissexual como pessoa sempre disponível sexualmente, propensa ao adultério e portadora de DSTs.

BLOCO 2

O “medidor” de sexualidade e as diferenças de gênero dentro da comunidade

Tweet 1: “E quando falam q eu n sou bi só pq eu n pego tantas moças”

Reply 1.1: “bissexualidade é 50 50 né você vai numa festa pega 3 rapazes OPA agora preciso pegar 3 moças OPA peguei 4 preciso de 1 rapaz”

Tweet 2: “Eu acho interessante q mulheres bi são vistas como hetero e homens bi são vistos como homossexuais (pelo menos na maioria das vezes)

Reply 2.1: sim, na maioria esmagadora das vezes! Tem um tweet muito bom sobre isso que diz tipo “é tão difícil assim de acreditar que as pessoas gostem de mulheres?”

Reply 2.2: “mulheres bi são vistas como heteros fingindo. Homens bi como gays fingindo. Por que nos 2 se assume que todo mundo gosta de homem?”

Proposta narrativa:

Discussões sobre a invalidação da bissexualidade a partir do pressuposto da não existência de preferências por determinado gênero e diferenciação das situações vivenciadas por homens e mulheres bi, perpassadas por reflexões sobre o machismo na sociedade e como ele influencia de maneira específica em cada caso.

BLOCO 3

A invisibilidade e a relação com o mundo

Tweet 1: “LGTB Lesbianas Gays Transexuales y Bicabornato de sódio”

[reportagem anexada: Straight celebrities who’ve been in gay relationships]

Tweet 2: “Bissexual é desculpa pra ser gay”

Reply 2.1: “Não existe bissexual, gay é gay”

Tweet 3: “mas pra que bi deveria fazer parte da comunidade né gente

Bi é só hetero que ainda não se decidiu mesmo :-)

Bi nem é gente :-)”

Proposta narrativa:

Abordagem ironicamente crítica sobre a grande invisibilização sofrida pelas pessoas bissexuais dentro da sociedade como um todo e também pela comunidade LGBT, perpassadas por experiências pessoais das entrevistadas, como a relação com a família, religião, faculdade, lugar onde vive e o mundo ao seu redor. Tentativa de conscientização sobre a existência dessas pessoas e o respeito que tem faltado com relação a elas e sua sexualidade.

ANEXO II - Cronogramas

CRONOGRAMA FÍSICO/SINTÉTICO BI			
Nome da obra:		BI	
Direção		Yasmin Lucchesi	
Direção Produção		Yasmin Lucchesi	
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES			
1	Desenvolvimento de Projeto	Nov-17	
2	Pré-Produção	Nov-17	
3	Produção	dez-17	
4	Pós-Produção	dez-17	
5	Exibição	dez-18	
Itens	Etapa	Data Início	Data Fim
1	Desenvolvimento de projeto	Nov-17	Nov-17
1.2	Pesquisa	Nov-17	Nov-17
2	Pré-produção	Nov-17	Nov-17
2.1	Desenvolvimento roteiro	Nov-17	Nov-17
2.2	Definição de equipe	Nov-17	Nov-17
2.3	Orçamento e captação de recursos	Nov-17	Nov-17
2.4	Mapeamento entrevistados	Nov-17	Nov-17
2.5	Reuniões de produção	Nov-17	Nov-17
3	Produção	Nov-17	Nov-17
3.1	Logística equipe e entrevistados	Nov-17	Nov-17
3.2	Execução das filmagens	Nov-17	Nov-17
4	Pós-Produção / Finalização	Dez-17	Dez-17
4.1	Montagem e edição	Dez-17	Dez-17
4.2	Correção de cor	Dez-17	Dez-17
Engavetamento do projeto			
5	Exibição		
5.1	Lançamento em Mostras e Festivais	Dez-18	Dez-19
Prazo total da execução (em meses): 2 meses / circulação: 24 meses			

		CRONOGRAMA ANALITICO BI																																					
		Novembro															Dezembro																						
		Mês 1															Mês 2																						
		Semana 1					Semana 2					Semana 3					Semana 4					Semana 1					Semana 2												
		Seg	Ter	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qui	Sex	Sab	Dom		
1	Desenvolvimento/ Pré-produção																																						
1.1	Pesquisa sobre bissexualidade	x	x	x	x	x																																	
1.2	Curadoria material entrevistas (tweets)						x	x																															
1.3	Desenvolvimento esquete narrativo						x	x	x	x																													
1.4	Definição de equipe						x	x	x	x																													
1.5	Orçamento e captação de recursos										x				x	x	x																						
1.6	Mapeamento entrevistados										x	x	x																										
1.7	Reuniões de produção														x																								
1.8	Visitas Locações														x																								
1.9	Agendamento e autorização locação (Museu Jurete Costa de Arte Popular)															x																							
1.1	Agendamento entrevistas														x	x																							
1.11	Preparação e impressão de documentos (tweets, direto de imagem e áudio)																x																						
1.12	Empréstimo de equipamentos (Som e Vídeo)																x	x	x																				
1.13	Transporte equipamentos e pessoas																																						
1.14	Teste de câmera/luz																																						
1.15	Compra de alimentos para o set ("nessa coffee break")																																						
1.16	Ordem do dia																																						
2	Produção																																						
2.1	Filmagem																																						
3	Pós-produção																																						
3.1	Montagem																																						
3.2	Edição de imagem e som																																						
3.3	Correção de cor																																						
3.4	Cópia Final																																						

ANEXO III - Orçamento

ORÇAMENTO BI							
Nome da obra:		BI					
Direção:		Yasmin Lucchesi					
Direção Produção		Yasmin Lucchesi					
Itens	Descrição dos Itens	qtde unid/s	unidade	qtde item	Valor unitário	Sub-Total	Total
1	Desenvolvimento de Projeto						
1.1	Pesquisa	1	semana	1	3.347,61	3.347,61	0,00
2	Pré-Produção						
2.1	Roteiro	1	semana	1		5.150,00	0,00
2.2	Equipe						0,00
	D. Produção	4	semanas	1	3.347,61	13.390,44	0,00
	1° Ass. de Produção	4	semanas	1	2.045,75	8.183,00	0,00
	Direção	4	semanas	1	4.835,47	19.341,88	0,00
	1° Ass. de Direção	4	semanas	1	2.417,72	9.670,88	0,00
	D. Fotografia (pré-light)	1	diária	1	1.880,56	1.880,56	0,00
2.3	Transporte						0,00
2.4	Gráfica/ impressões	7	unidade	1	1,00		7,00
3	Produção e Filmagem						
3.1	Equipe						
	Direção	1	diária	1	-	-	0,00
	Ass de Direção	1	diária	1	-	-	0,00
	Produção	1	diária	1	-	-	0,00
	Ass de Produção	1	diária	1	-	-	0,00
	D. Fotografia	1	diária	1	1.880,56	1.880,56	0,00
3.2	Equipamentos						0,00
	Canon t5i + tripé	1	diária	1	135,00	135,00	0,00
3.3	Alimentação						0,00
	coffee break	1	unidade	1	47,00	47,00	47,00
3.4	Transporte equipe e entrevistados	9	unidade	2	8,45	151,10	0,00
4	Pós-Produção						
4.1	Equipe						
	Direção	2	semanas	1	4.835,47	9.670,94	0,00
	D. de Editor/Montador	2	semanas	1	3.234,44	6.468,88	0,00
4.2	Ilha Edição de imagens / som	2	semanas	1	131,23	1.443,49	0,00
	Total Geral						54,00

*os valores dos salários foram retirados da tabela do Sicav (Sindicato Interestadual da Indústria Audiovisual) e da Abra (Associação Brasileira de Autores Roteiristas).

*os itens que possuem "-" dizem respeito ao pagamento da diária do set (excluído porque já estava incluso no semanal da pré, já que as datas convergiram).

É importante ressaltar que, por se tratar de um curta-metragem desenvolvido na universidade, não foram gastos os valores reais de uma produção audiovisual mercadológica. O que até certo ponto se mostra como uma melhora na acessibilidade (ilustrada pelo surgimento de novas tecnologias e barateamento de equipamentos) de uma área que possui histórico elitista, afinal de contas o custo da obra foi quase nenhum, também pode representar um sucateamento do fazer artístico.

Mesmo quando consideramos que o espaço de aprendizado prático nem sempre precisa ser remunerado, custos estruturais como transporte e alimentação (no caso do documentário, mas que seriam provavelmente expandidos se tratando de ficção) não tiveram nenhum tipo de respaldo, o que significa que, os envolvidos não só não receberam, como também pagaram para realizar o filme, o que infelizmente é uma prática muito comum para artistas que precisa ser urgentemente repensada, além de prejudicar o resultado final da obra.

ANEXO IV - Ficha Técnica

EQUIPE

Roteiro: Yasmin Lucchesi

Direção: Yasmin Lucchesi

Assistente de direção: Beatriz Augusto

Direção de Fotografia: Eduardo Sellos

Operação de câmera: Eduardo Sellos

Direção de produção: Yasmin Lucchesi

Produção: Beatriz Augusto e Victoria Guedes

Edição e Montagem: Alex Kossak e Yasmin Lucchesi

ENTREVISTADAS(OS)

Álan Batista

Bárbara Goulart

Beatriz Augusto

Lucas Barrozo

Rodrigo Gomes

Yasmin Lucchesi